

## Borracha, outra vítima do Governo

JOSÉ RESENDE PERES

O Brasil importa 74% do consumo interno de borracha. Os 26% restantes são produzidos a custo elevado por milhares de seringueiros que levam uma vida miserável na selva. Os seringueiros ainda vinham se agüentando porque até no fim de 1988 o Governo garantia US\$ 3,50 por quilo de borracha seca. Hoje, um ano depois, recebe apenas US\$ 2,00 por quilo, segundo Carlos Arthur Ortenblad, um grande estudioso do assunto: "embora o preço internacional seja menor que US\$ 2,00, os produtores da Ásia e África recebem uma gama tal de subsídios diretos e indiretos, e isenções fiscais que o produtor brasileiro não tem, que praticamente hoje produzimos a preços internacionais, com o gravame de termos uma matriz da produção com custos mais altos que aqueles países, notadamente custo de mão-de-obra mais encargos sociais (mão-de-obra representa 76% do custo operacional de um seringal em sangria).

Esta queda violenta de preços deve-se a:

- a) Desestruturação dos órgãos governamentais que regem (regiam) a matéria, no bojo do Plano Verão (extinção do Conselho Nacional da Borracha, e transferência da Sudhevea do MIC para o Minter, sob a égide do Ibama).
- b) Total desmobilização e desorganização dos produtores.
- c) Pressão do setor industrial, que conseguiu reduzir o percentual da taxa TORMB que incide sobre a borracha importada (hoje, 74% do consumo interno) reduzindo destarte o preço interno de referência (preço mínimo).
- d) Desrespeito pelo setor industrial dos percentuais de aumento concedidos pelo Ibama, e seguindo os do CIP, sempre menores, e onde os industriais manobram com desenvoltura.

O setor industrial envida esforços para dar o que seria um golpe de misericórdia nos produtores: extinção do contingenciamento de importações, que os obriga a adquirir um determinado percentual de borracha natural, para poderem importar. Sem isto, simplesmente deixarão de adquirir a borracha nacional, pois, ao mesmo preço, torna-se mais interessante receber borracha importada em Santos, que ir comprá-la no interior do Brasil.

Em virtude disto tudo, a produção interna tem crescido menos que o consumo interno. Se há alguns anos produzíamos 35% do consumo interno, hoje só o fazemos em 24% (uma

queda de 32% em cinco ou seis anos). Vários seringais menos produtivos já deixaram de produzir, o que pode causar desemprego em um setor responsável por 350 mil empregos diretos, agravando a questão social.

Tenho tentado sensibilizar uma série de produtores, visando à criação de uma Associação Nacional de Produtores de Borracha (inclusive os seringueiros), bem como sensibilizar órgãos governamentais afetos ao setor.

Este país é assim. A dívida aumentando e o Governo trabalhando contra a economia nacional. Levando a decepção aos fazendeiros de São Paulo, Mato Grosso, Minas, Espírito Santo e Estado do Rio, que investiram pesado para que o Brasil voltasse novamente a ser exportador de borracha. Eu sempre achei, embora sem conhecê-lo pessoalmente, que o Sr. Fernando Cézar Mesquita era um dos mais sérios e eficientes auxiliares do Governo Sarney. Espero assim que à frente do Ibama ponha em funcionamento as normas da Sudhevea para que o Brasil fique mais rico. Hoje, Ronaldo Caiado me telefonou e me disse que se for eleito, ninguém vai agredir impunemente nossa economia.

O jornalista Marcos Emílio, do "Jornal do Brasil", escreveu no domingo passado: "uma selva verde e escura está crescendo: a centenas de quilômetros da floresta original e faz delirar de expectativas cerca de mil agricultores do extremo Noroeste de São Paulo, que há anos procuravam uma cultura perene menos sujeita às intempéries financeiras do que o café e a laranja. Plantados com uma regularidade que parece corrigir a natureza, milhões de seringueiras — sim, seringueiras, as árvores que são virtualmente um sinônimo da Amazônia — ocupam cada vez mais espaço nesta região, crescendo com a promessa de lucros seguros.

Em todo o território de São Paulo, segundo a estimativa do principal interessado no sucesso dessas culturas, a Associação Brasileira das Indústrias de Artefatos de Borracha (Abiab), já há dez milhões de árvores plantadas, numa área de 24 mil hectares, o que representa um quarto de todas as seringueiras existentes no País e equivale ao total cultivado no Mato Grosso, o principal produtor brasileiro de látex, graças, principalmente, à antiguidade de seu cultivo.

Da Amazônia, ainda saem 20 mil toneladas de borracha seca por ano, ou metade da produção nacional estimada para 1989. Mas a exploração extrativista deverá manter-se nesse patamar no futuro imediato, enquanto as seringueiras cultivadas poderão multiplicar por quatro o total produzido no País.

Este é um país onde a incompetência de poucos congela o entusiasmo de todos.

Eu mesmo parei meu plantio que já conta com 38 mil árvores. Na Amazônia, a fome será a resposta.